

A Pesquisa Participante e seus Desdobramentos - Experiências em Organizações Populares

Área Temática de Direitos Humanos

Resumo

Este artigo traduz uma tentativa de abordar um tema redescoberto nas ciências humanas - a pesquisa participante, abordada sob a conformação de duas dimensões. A primeira é dada pela relação entre a teoria e a prática na busca da sua interação dialética. A segunda vai de encontro ao que Borda (1984) chamou de ciência emergente ou, ciência popular. O objetivo do trabalho é propiciar aos grupos populares entendimento de seus problemas para que eles possam percebê-los e levantar alternativas que vão de encontro aos seus interesses. Refere-se aos projetos de extensão “Resgate de Cidadania: uma proposta de organização coletiva da população que sobrevive da venda de produtos recicláveis” e “Incubagem de Cooperativas de Trabalho e Produção e Empreendimentos Econômicos Solidários”. Tem como fio condutor técnicas qualitativas de investigação tais como, observação participante, entrevistas livres, entrevistas semi-estruturadas, visitas e oficinas de trabalho com pessoas que viviam do material extraído do “lixão” da cidade de Maringá, estado do Paraná. Na primeira do artigo se discute aspectos teórico-metodológicos da pesquisa participante e a importância do conceito de participação sobretudo em organizações populares. Dedicamos um espaço para o relato da experiência com o grupo de ex-catadores do “lixão” e algumas considerações são feitas.

Autora

Eliza Emília Rezende Bernardo Rocha, mestre em Extensão Rural; doutora em Economia; professora do Departamento de Administração

Instituição

Universidade Estadual de Maringá - UEM

Palavras-chave: intervenção; participação; cooperativismo

Introdução e objetivo

Com a intensificação dos movimentos populares na década de setenta, novas formas de concepção da ciência emergiram já que as abordagens tradicionais e predominantes, até aquele momento (assumindo as populações ou os grupos populares como objeto de estudo e como tal, passivos frente ao processo de geração e de produção do conhecimento científico), não mais davam conta de contemplar o contexto histórico que se apresentava.

Este texto traduz uma tentativa de abordar um tema, atualmente, redescoberto nas ciências sociais e humanas. Trata-se da pesquisa participante, que será abordada considerando a sua singularidade e sob a conformação de duas grandes dimensões. A primeira delas é dada pela relação entre a teoria e a prática na busca da sua interação dialética o que significa trabalhar na perspectiva da práxis. Essa perspectiva conforma à pesquisa participante uma aparente utopia já que as suas limitações nos levam a conceber o conhecimento científico enquanto um “conhecimento aproximado”, ou seja, considerando as contradições podemos nos dar conta da complexidade da sociedade e quão limitado se torna o rigor e a objetividade a que, por vezes, é reduzido o método científico.

O método científico, quando apropriado acriticamente, impede o conhecimento e o compartilhamento dessa realidade que é a sabedoria popular, da ciência popular. Tal conduta

traz reflexos na participação conjunta e (re)educativa para a transformação social que, por sua vez, passa pela investigação participativa. Surge da interação desses elementos a segunda dimensão deste trabalho. A proposta da pesquisa participante é trazer à tona a sabedoria e tradição popular no sentido de que estas nos ofereçam pistas para a crise social que vivemos atualmente. Nesse sentido, tal proposta vai de encontro ao que Borda (1984) chamou de ciência emergente ou, ciência popular que, embora encontre seu alicerce no senso comum, possui validade científica já que tem uma racionalidade própria que pode ser demonstrada cientificamente.

Nossa contribuição vai no sentido de que, como professores, acadêmicos, cientistas, nos revistemos de humildade e trabalhemos no sentido de que nossas descobertas, nossas pesquisas, nossos estudos possam ser revertidos para as classes populares. No caso específico do estudo ora apresentado, que seus resultados possam fortalecer a organização e o poder das classes supracitadas já que, nos valem delas para juntos desvendar a realidade, desafio ressaltado por Paulo Freire em várias ocasiões. Como inseri-las nas necessidades coletivas mais gerais sem que elas percam sua identidade?

Um trabalho dessa natureza tem como objetivo propiciar aos grupos populares entendimento de seus problemas para que eles possam percebê-los e levantar alternativas que vão de encontro aos seus interesses. Desse modo está se caminhando em direção ao envolvimento dos grupos populares como sujeitos do conhecimento.

Nessa perspectiva e tendo como fio condutor técnicas qualitativas de investigação tais como, observação participante, entrevistas livres, entrevistas semi-estruturadas, visitas e oficinas de trabalho com pessoas que viviam do lixo extraído do “lixão” da cidade de Maringá, estado do Paraná, é que esta reflexão será externada.

O trabalho, ainda em desenvolvimento, está se concretizando na criação de uma cooperativa de trabalho. Trata-se, portanto, de uma empresa, com especificidades, mas uma empresa. Isso nos remete ao desafio de uma abordagem social da gestão de tal empreendimento – gestão social. Isto requer uma discussão com vistas à desmistificação da dicotomia quantitativo/qualitativo, quando o assunto é a discussão a respeito das metodologias de pesquisa qualitativa.

É no sentido desse esforço da busca da investigação, do conhecimento, que apresentamos este trabalho, circunscrito às ciências sociais e aplicadas, num campo complexo e, essencialmente multidisciplinar – a Administração.

É, pois, desta forma que esta reflexão se desdobra em três partes.

Na primeira delas nos fundamentamos em alguns autores para discutir determinados aspectos teórico-metodológicos da pesquisa participante.

A importância do conceito de participação enquanto instigador de uma nova perspectiva nos trabalhos desenvolvidos em organizações, sobretudo em organizações populares, compõe a segunda etapa deste trabalho. Ainda nesta etapa dedicamos um espaço para o relato de nossa experiência com o grupo de ex-catadores do “lixão”.

Ao final, compartilhamos algumas considerações acerca de nossa experiência.

Metodologia

A pesquisa participante insere-se na pesquisa prática, classificação apresentada por Demo (2000, p.21), para fins de sistematização. Segundo esse autor, a pesquisa prática “é ligada à práxis, ou seja, á prática histórica em termos de usar conhecimento científico para fins explícitos de intervenção; nesse sentido, não esconde sua ideologia, sem com isso necessariamente perder de vista o rigor metodológico”. Há na pesquisa participante um componente político que possibilita discutir a importância do processo de investigação tendo por perspectiva a intervenção na realidade social.

A experiência com a qual nos envolvemos quando da elaboração e execução de um projeto de organização político/social de um grupo de pessoas que trabalhavam no lixão, nos aproximou de um tema hoje redescoberto nas ciências sociais e humanas. Trata-se da pesquisa participante. O desafio de permitir que o investigador militante emergisse, um dos pressupostos da pesquisa participante, foi, ora facilitado, ora dificultado pelo elemento educação. Trata-se aqui da educação no seu sentido mais amplo abarcando desde o (re)aprendizado da linguagem popular até o estágio de reflexões acerca da condição humana. Se essa cumplicidade acerca da dimensão da educação se estabelece entre pesquisador/pesquisado surgirá daí o entendimento do homem (seja ele pesquisador ou pesquisado) enquanto “ser capaz de transcender os condicionamentos materiais e culturais de sua existência, enquanto ser apto a interferir criadoramente na determinação de seus modos de vida,” (...) (BEISIEGEL, 1992, p.29).

Valendo-nos de Haguete (1985, p.149-150) para expressar a “revolução interna” a que nos submetemos, diria que este trabalho pode ser avaliado em função das pretensões da pesquisa participante que, de acordo com esta autora, são:

a) um processo concomitante de geração de conhecimento por parte do pólo pesquisador e do pólo pesquisado;

b) um processo educativo, que busca a intertransmissão e ‘compartilhação’ dos conhecimentos já existentes em cada pólo;

c) um processo de mudança, seja aquela que ocorre durante a pesquisa, que preferimos chamar de mudança imediata, seja aquela projetiva, que extrapola o âmbito e a temporalidade da pesquisa, na busca de transformações estruturais – práticas – que favoreçam as populações ou grupos oprimidos. Neste sentido, o aspecto mais chocante aos olhos do pesquisador tradicional, a interferência deliberada do sujeito junto ao objeto da pesquisa - a quebra de objetividade – se justifica, porque não é a captação do real em determinado momento que interessa e que representa o objetivo da pesquisa participante e da pesquisa-ação, mas um conhecimento em processo que se estabelece. Isto não significa que toda geração de conhecimento científico deva necessariamente tomar esta forma.

As considerações de Haguete ao final desta citação nos tranqüiliza de certa forma já que o compromisso com a transformação social ao qual nos vinculamos em projetos desta natureza se realiza na medida em que, repito, se estabelece um conhecimento em processo. Trata-se de um caminho onde se tenta desvendar os “aspectos subjetivos da ação, percepções, definições, explicações.”

O propósito desta pesquisa é trabalhar na perspectiva da práxis assim como, da inserção da ciência popular na produção do conhecimento científico. Isso coloca o pesquisador frente a contradições às quais os próprios fundamentos da pesquisa participante estão sujeitos.

Voltando a Haguete (1985), ressaltamos que, em determinados momentos da pesquisa (e nossa experiência mostra isso), o processo educativo atinge a equipe envolvida e pesquisadores e participantes interagem na dialética do processo ensino/aprendizagem (tornam-se ambos sujeitos do conhecimento) constituindo-se uma mão dupla na busca da práxis.

Gostaríamos aqui de ressaltar que não estamos, contudo, negando o nosso papel ativo de sujeito cognoscente, enquanto pesquisador que, para isso lança mão de categorias analíticas quando do processo de apreensão da realidade. Aliado a isso o pesquisador aprende a desenvolver um olhar clínico que está em grande parte assentado numa postura de atenção que ele deve ter com a natureza do seu problema de estudo; os objetivos que se tem em relação ao mesmo, a busca das informações para alcançar estes objetivos e o amparo teórico que circunda todo este percurso (as idas e vindas do empírico à teoria e vice-versa).

(NORONHA, 2001, p.141), resgatando críticas de pesquisadores sobre a pesquisa participante, ressalta “A relação dialética sujeito-objeto tem como pressuposto que a teoria se altera no trânsito com a realidade, assim como esta também se altera com a teoria”.

A produção do conhecimento, portanto não pode ser diluída na necessidade histórica de intervenção imediata no processo social para transformá-lo. Torna-se necessário, nessa relação, discernir o campo próprio da produção do conhecimento, do nível de intervenção no processo, para transformá-lo.

Ainda sobre reflexões críticas acerca da interação dialética sujeito-objeto ou pesquisador-pesquisado, Lanzardo (1982, p.236), transcrevendo trechos da Enquete Operária de Marx, ressalta a importância de se buscar a complementaridade entre “a tomada de consciência da exploração e a luta organizada”. (...) ‘o proletariado tem a seu favor o número, que é fator de sucesso, mas o número só tem peso quando é organizado em unidade e dirigido pelo saber.’”

A participação

Foi a partir do conceito de participação que se vislumbrou uma nova perspectiva nos trabalhos desenvolvidos em organizações, sobretudo em organizações populares. Fazendo um paralelo entre a observação participante, cuja invenção é atribuída ao antropólogo Malinowski, e a participação na pesquisa, cuja paternidade é atribuída a Marx, Brandão (1985, p. 11-13) identifica a partir daí a invenção da pesquisa participante. Este autor afirma que “Quando o outro se transforma em uma convivência, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua vida, de sua cultura. Quando o outro me transforma em um compromisso, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua história. Antes da relação pessoal da convivência e da relação pessoalmente política do compromisso, era fácil e barato mandar que ‘auxiliares de pesquisa’ aplicassem centenas de questionários apressados entre outros que, escolhidos através de amostragens ao acaso ‘antes’, seriam reduzidos a porcentagens sem sujeitos ‘depois’. Isto é bastante mais difícil quando o pesquisador convive com pessoas reais e, através delas, com culturas, grupos sociais e classes populares. Quando comparte com elas momentos redutores da distância do outro no interior do seu cotidiano. [...] A relação de participação da prática científica no trabalho político das classes populares desafia o pesquisador a ver e compreender tais classes, seus sujeitos e seus mundos, tanto através de suas pessoas nominadas, quanto a partir de um trabalho social e político de classe que, constituindo a razão da prática, constitui igualmente a razão da pesquisa. Está inventada a pesquisa participante.”

Analisando o fenômeno participativo Araújo (1982, p. 129) destaca a importância do movimento cooperativo como um movimento “viabilizador de um tipo de participação social, isto é, a possibilidade de ensejar uma participação mais efetiva, muito mais equânime de diferentes classes e frações de classe no processo produtivo.”

A cooperativa de produção possibilita condições para a viabilização da participação indireta do seu associado, através da democracia representativa, configurando-se neste tipo de unidade a participação desigual. A busca de alternativas que possibilitem um processo democrático, ainda que tímido, de democracia direta nos colocou à frente do instrumento cooperativas de trabalho. Nesse sentido, as cooperativas de trabalho são concebidas como um espaço onde o exercício da participação política e democrática se encaminha no sentido da autogestão.

Quando se trata de cooperativas, os seus princípios, especialmente os que se referem à democracia, à participação e à educação cooperativa, assim como as suas especificidades, características que as tornam peculiares, são algumas das condições presentes que favorecem o processo de participação. Importa questionar em que medida as cooperativas proporcionam a participação efetiva dos seus produtores associados na definição de objetivos, na proposição de planos de ação.

Entendendo educação cooperativa, conforme destacou Limberger (1996, p.78), como “conteúdos de um processo que levem a pensar, sentir, ver, julgar e agir cooperativamente” é através dela que serão propiciadas condições de participação, ou seja, somente a partir de sua formação e informação é que o associado poderá tomar parte ativa, tanto na formação quanto na definição dos objetivos de sua organização. Quando se torna concreta, essa participação denota todo um trabalho de organização dos grupos populares onde o respeito e a compreensão pela sabedoria popular se efetive no dia-a-dia. Quando não se envolvem os grupos populares como sujeitos do conhecimento, a formação do trabalhador vira “treinamento de mão-de-obra”.

Trabalhar na perspectiva libertadora, conforme afirmou Freire (1984, p. 35), onde a “pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais; de outro os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta”, constitui-se num desafio para nós. Quando se parte de demandas do setor público, como no caso que ilustra este trabalho, há que se conciliar formação dos grupos na perspectiva da participação enquanto sujeitos do conhecimento e prazos limitados, urgência em resultados.

A possibilidade de que um trabalho dessa natureza se realize é possível desde que haja uma certa cumplicidade entre os sujeitos envolvidos neste processo. Em que vai consistir, pois, a participação no processo da pesquisa participante, tendo em vista essa cumplicidade?

(HAGUETE, 1987, p.141-143), ao analisar o conceito de participação na perspectiva da pesquisa participante, chama a atenção para o fato de se levar em conta os componentes da pesquisa participante quais sejam o da investigação, o da educação e o da ação.

Feito isso, ela definiu a participação como sendo “uma ação reflexionada em um processo orgânico de mudança cujos protagonistas são os pesquisadores e a população interessada na mudança.”

Conclamar a população à participação de projetos, como no caso do presente trabalho, constitui-se num desafio que só se viabiliza mediante a contrapartida de participação dos pesquisadores eruditos que, servindo de assessores ou mediadores, têm ‘sensibilidade para ouvir e compreender o ponto de vista e as razões dos grupos de base’, o que representa o primeiro passo na sua atividade de envolvimento e de ser ‘um ouvinte atento das decisões dos movimentos populares ou de necessidades comunitárias efetivas’. O pesquisador deve colocar-se a serviço, não da comunidade, mas ‘da prática política na comunidade’. Ele coloca suas ferramentas científicas a serviço desta prática, assumindo a dupla postura de observador crítico e de participante ativo. Ele representa a síntese entre o militante de base e o cientista social, entre o observador e o participante.

Eis aí a tentativa da aproximação e da simultaneidade dos elementos investigação/educação/ação no processo de participação.

Ainda com Haguete (1985, p.142): “a idéia de participação envolve a presença ativa dos pesquisadores e de certa população em um projeto comum de investigação que é ao mesmo tempo um processo educativo, produzido dentro da ação”.

Cumpre-nos aqui ressaltar que, embora a demanda por este trabalho tenha partido do poder público (Prefeitura Municipal de Maringá) há que se considerar o fato de, nos conduzirmos pelos pressupostos teóricos e epistemológicos da pesquisa participante principalmente no que concerne a definição do objeto de pesquisa onde os catadores participaram da sua definição bem como dos objetivos a serem alcançados; contato dos pesquisadores com a realidade trabalhada; elaboração dos planos de ação, decorrentes das necessidades da população interessada.

Da complexidade de aspectos que envolvem a pesquisa participante, a participação da equipe constitui-se num dos elementos componentes de seu alicerce. Essa aproximação se dá a partir do momento em que se vislumbra uma convergência de atitudes favoráveis à

perseguição de objetivos comuns. Nessa caminhada o pesquisador coloca-se como sujeito, juntamente com o grupo interessado, e a serviço não do grupo mas da prática política daquele grupo, conforme já salientava (BRANDÃO, 1985).

Resultados e discussão

Apresentando a experiência com o grupo de ex-catadores do “lixão”

Do conjunto de idéias discutidas e debatidas nas várias reuniões ocorridas entre o grupo de profissionais (professores membros do Núcleo Local/UEM da Unitrabalho, profissionais da Secretaria do Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Maringá) e os grupos formados por catadores de “lixo”, surgiu o projeto de criação de uma cooperativa com o intuito de sistematizar e concretizar um trabalho conjunto tendo como missão a autogestão. Nesta fase podemos dizer que houve uma aproximação do “conhecimento através da ação”, para designar a fase do trabalho em que se exige que o pesquisador orgânico disponibilize o seu conhecimento e as técnicas que julgarem necessárias a serviço de um projeto maior de cuja transformação social faz parte.

Todo esse trabalho culminou na criação da Coopermaringá (Cooperativa Maringá de Materiais Recicláveis e Prestação de Serviços), inaugurada em 01 de setembro de 2001, cerca de oito meses após iniciados os trabalhos.

Analisando o caso desta cooperativa percebe-se a transformação porque passaram os cooperados, da realização do trabalho individual para o coletivo.

Conclusões

A maior riqueza destes projetos está em constatar que durante a fase de formação, conhecimento, aproximação e troca de experiências entre os membros do grupo de ex-catadores e, entre estes e a equipe de apoio ou, entre pesquisador e pesquisados, questões referentes a cidadania, ética, direitos, poder público, são levantadas, questionadas, debatidas, não importando ser o elemento do grupo analfabeto, ou não.

Existe um ambiente bastante fértil entre os trabalhadores para se debater valores, dentre estes os da equidade e solidariedade, bases do movimento cooperativo. Debatemos também os princípios cooperativos, dentre eles o da educação cooperativa.

Nesses momentos, por várias vezes nos questionamos sobre nosso papel como pesquisador/educador, tentando nos orientar pela interação dialética sujeito-objeto, cuja importância foi tão bem expressa nas palavras de Marx, reproduzidas por Lanzardo (1982). A nossa responsabilidade vai do saber nos conduzirmos enquanto sujeitos cognoscentes e descobrirmos como conduzir o grupo no seu saber com vistas à sua organização política e social.

Em nossas reflexões nos perguntamos até que ponto estamos agindo no sentido de proporcionar ao grupo o entendimento de seus problemas para que ele possa atuar em defesa de seus interesses.

Vemos como um desafio inerente à proposta da pesquisa participante, despertar, trazer à tona o potencial de conhecimento e ação do grupo com o qual se trabalha, cujo teor tem suas particularidades, bem o sabemos. O intuito tem sido aproximá-lo, cada vez mais, da condição de sujeito do processo de geração e produção do conhecimento.

A cooperativa foi criada, a Coopermaringá (Cooperativa Maringá de Materiais Recicláveis e Prestação de Serviços). Percebemos que, enquanto organização específica que é, ela caminha na contra-mão de tudo que é convencional. Nesse sentido, está posto um outro desafio que é o do resgate dos valores da solidariedade e equidade numa sociedade caracterizada por profundas desigualdades sociais e pela exacerbação do consumo (por uma minoria).

O trabalho continua ...

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Sílvia M. P. de. Eles: a cooperativa; um estudo sobre a ideologia da participação. Curitiba: Projeto, 1982, 215p.
- BEISIEGEL, Celso de R. Política e educação popular (a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil) São Paulo: Ática, 1992, 304p.
- BORDA, Orlando F. Aspectos Teóricos da Pesquisa Participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 42-62.
- BRANDÃO, Carlos R. Pesquisar-Participar. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). Repensando a Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 7-14.
- DEMO, Pedro. Metodologia do Conhecimento Científico. São Paulo: Atlas, 1981. 159p.
- FREIRE, Paulo. Criando Métodos de Pesquisa Alternativa: aprendendo a fazê-la melhor. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 34-41.
- HAGUETE, Teresa M. F. Metodologias Qualitativas na Sociologia. Petrópolis: Vozes, 1987, 163p.
- LANZARDO, Dario. Marx e a enquete operária. In: THIOLENT, Michel. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: editora Polis, 1982, p.233-246. (Parte II, Texto 7).
- LIMBERGER, E. Cooperativa – empresa socializante. Porto Alegre: Imprensa Livre, 1996, 267p.
- NORONHA, Olinda M. Pesquisa participante: repondo questões teórico-metodológicas. In: FAZENDA, Ivani (org.). Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 2001, p.137-143.